

NAVEGAR NA NET - CONCEITO ÍMPAR EM TODO FRAGMENTADO

Emília da Conceição Camargo

RESUMO

Pequena reflexão sobre a Internet como rede global de informações no contexto fragmentário da pós-modernidade e como mídia da Revolução da Informação em momento de profundo antagonismo político-econômico.

Palavras-chave: Informação; Leitura; Internet (Rede de Computadores); Pós-modernidade; Globalização.

"Cada vez mais somos pessoas visuais, mais do que pessoas de fala e de palavra articuladas"

Joseph Brodsky

(Escritor russo, Prêmio Nobel de Literatura de 1987, morto este ano, 1996)

Muitos intelectuais afirmam ser o *final do século XX a era da pós-modernidade*. Termo este que surgiu por volta dos anos 50, considerando, portanto, a modernidade como passado, embora tão recente.

"Modernus" termo associado à modernidade, cujo conceito parece ter sido ampliado em finais do *século XVIII*, momento em que a "ação política" parecia ser capaz de mudar a condição humana. Como exemplo claro, a *Revolução Francesa*. Perseguiu tal conceito o *século XIX*, no qual as tecnologias e novos conhecimentos, aperfeiçoamentos e progressos levaram mais uma vez à mudança da condição humana - a *Revolução Industrial*. Para as pessoas, o trabalho nas fábricas, a mudança para as grandes cidades mais uma vez significaram uma grande mudança no modo de viver, na cultura humana. A *Revolução Industrial teve maneira própria de processar as informações*: o telégrafo e o telefone contribuíram para o impulso ao mercado de produtos manufaturados.

No *início do século XX*, embora já se falasse em imperialismo e economia global, as *guerras vieram a reforçar o papel dos estados nacionais*.

No início dos anos 50, com a computação inclusive, *toma corpo a idéia de pós-modernidade*. (Foram construídos nos anos 50 os primeiros computadores eletrônicos). A TV, de certa forma em substituição ao rádio, que na década de 1930 aproximava amigos e famílias, já está presente, para anunciar as grandes quantidades dos produtos ao mercado consumidor. A arte pop dos anos 60, a crítica da cultura ocidental, dos anos 60 aos 70, a consolidação dos blocos, a Guerra Fria, a contradição ideológica fazem parte do "ambiente propício" à crítica da cultura ocidental. Nos anos 80, a invasão dos "tecno-eletrônico-domésticos" (videocassetes, videogames, walk-men, micro-computadores etc.), nova revolução, já considerada por alguns como a "Revolução da Informação", se deve, em grande parte ao "chip", "circuito integrado" ou "microprocessador", uma minúscula pastilha de silício ($1/2 \text{ cm}^2$) composta por milhares de microcircuitos. Final dos anos 80, início dos 90, profunda "quebra ideológica", é o momento da queda do muro, do fim da Guerra Fria, do fim (?) do Leste Europeu.

Embora blocos econômicos se alinhem pelo globo liderados pela América (a do Norte), Europa (a Ocidental) e pelo Japão, é a vez da *sociedade global: o globo como zona de livre comércio*. A aldeia global de McLuhan parece neste contexto encontrar o espaço ideal em que se alinham padrões de comportamento e consumo. Contradição a mais - a democracia existe, mas não parece ser para todos, a submissão à intensa campanha ideológica parece caminhar passo a passo com a Revolução da Informação.

Em tempos de globalização virtual

A Revolução da Informação (pós-moderna) parece alterar as nossas vidas de forma estrutural e em estreita relação com o "antagonismo político-econômico global". Ao tempo em que o domínio dos blocos econômicos é liderado pela América (a do Norte), pela Europa (a Ocidental) e pelo Japão, também não se pode vedar os olhos às economias supranacionais emergentes, como a China (podendo talvez vir a ser um pólo de países asiáticos, o dito "leão adormecido"). A expressão resultante parece, então, ser: *"mundo fragmentado entre pólos antagônicos e globalizado pelos blocos líderes"*.

Não poderá vir a ser o Japão um intermediador entre a China e os Estados Unidos? Como poderá ficar a Índia entre a Europa e a Ásia? Neste mundo fragmentado entre pólos antagônicos nos damos de frente com a *mídia global*, a grande net, a *Internet*, um "imenso hipermercado eletrônico", convite instigante à busca de informação, caracterizado pela *dispersão em essência*, revelada em *múltiplos cliques no mouse* e "navegar" *entre-telas*. Um navegar *em espaço sem fronteiras*,

de modo instantâneo, abarrotado de sites e endereços, um meio fluante. E mais uma contradição: espaço abarrotado de endereços, mas, sem fronteiras, em que uma senha abre caminhos ao indivíduo, porém anônimo. Os indivíduos "anonimizam-se", "alienam-se" permanentemente até se desencontrarem, em *desencontro permanente* no espaço cibernético.

A Internet, um mundo sem estreita ordenação, um convite permanente à dispersão no imenso universo pós-moderno da fragmentação, convida o internauta ou navegante "ciberespacial" a expressar através de símbolos (dígitos gráficos) suas emoções:

- : -) Riso
- : -)) Gargalhada
- : - (Tristeza
- : - ((Muita Tristeza
- : - | Indiferença
- : - / Perplexidade
- : - D Surpresa etc.

Não seríamos, de certa forma, convidados a nos minimizar a "seres analógicos" representados digitalmente por imagens? Não estaríamos, de certa forma, nos despersonalizando em *meio analógico-digital*? Praticando o "amor virtual" não estaríamos, de certa forma, despotencializando nossa capacidade para amar?

O ambiente cultural pós-moderno não incentiva que se preste a devida atenção à palavra impressa. Ao contrário, o que é encorajado é o imaginário - as imagens visuais. Somos seres capazes de nos articular através da palavra, porém, *somos incentivados a nos expressar através das imagens*.

Para Santaella (1996), semióloga da PUC-SP, entretanto, "a comunicação via computador, através da Internet e correio eletrônico, criou uma forma híbrida de signos, algo situado entre a fala e a escrita". Segundo a opinião da autora, esta forma poderia ser chamada de *escrita oralizada*. Esta nova forma de comunicação justificaria o porquê da ampla aceitação de tais símbolos.

A leitura individual (privada) x a navegação em massa (coletiva)

Ao nos envolvermos na leitura de uma obra qualquer, um livro, uma fotografia, uma escultura, uma pintura, envolvemo-nos como *peças privadas*. Não nos envolvemos coletivamente. Damos, assim, oportunidade ao lúdico e a posteriori nos articulamos sobre nossa impressão através da palavra ou a registramos de outra forma. Ao

contrário, é como *seres anônimos* e dispersos na "massa global" e no coletivo que nos dirigimos à net, e é claro que apesar de não estarmos isentos da leitura individual, o espaço vasto convida à dispersão e o registro das impressões parece, muitas vezes, sucumbir à instantaneidade.

Questões como essas permitem-nos questionar a essência da leitura.

Por que teria Bill Gates, admirado "nerd" pós-moderno, precursor dos ícones "microsofticos", registrado em livro (*A Estrada da Informação*) o seu recado?

A supervia da informação ocupará no mundo pós-moderno o mesmo grau de importância da *imprensa de Gutenberg*? Como um *processador de informações*, a imprensa de Gutenberg mudou o mundo permitindo cópias baratas de livros e permitindo o acesso a fontes de informação religiosa fora do controle da Igreja Católica, ocasionando assim a Reforma Protestante.

Segundo Sevckenko (1996), historiador da cultura, professor da USP, este universo imenso de dados não produz conhecimento como deveria, pois, segundo ele, as gerações mais jovens talvez sejam induzidas a hábitos mentais que não valorizam o raciocínio cultural. A imensa quantidade e acesso ilimitado a fontes de informação não trariam em contrapartida o aprofundamento do conhecimento.

Internet, informática e cidadania

A parte os componentes de submissão ideológica, se considerarmos a possibilidade de democratização no acesso à informação, as disparidades econômico-sociais são relevantes, em nível mundial. No Brasil, por exemplo, existe uma ONG (organização não governamental) sem fins lucrativos denominada *Comitê para Democratização da Informática* que, através de doações de usuários pessoais e corporativos, recebe equipamentos obsoletos para serem utilizados em projetos de Informática e Cidadania em escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, até o momento. Os equipamentos são utilizados na profissionalização e requalificação profissional de alunos destas escolas. Uma proposta de caráter relevante e, de certa forma, diferenciada da unicidade instantânea da aldeia global.

"O discurso corrente indica que são 150 milhões de computadores pessoais (PCs) no mundo, dos quais menos de 10% tem correio eletrônico conectado à Internet; menos de 7% tem acesso direto à Internet; menos de 5% dos lares tem PCs; e menos de 1% da população mundial tem algum tipo de acesso à Internet. Conclusão: a

Internet, que cresce a 0,19% ao dia, está apenas na infância" (Fonseca, 1996).

A considerar os dados acima, esta mídia chegou e pode trazer sucesso aos que têm acesso e sabem como conviver com ela. Essa mídia está globalizada, porém não mundializada. Basta observar que "cerca de 65% de todos os servidores conectados à Internet estão localizados nos EUA. A Internet foi concebida e criada lá, e quase todo o software utilizado para a sua operação tem origem americana" (Oxner & Charles, 1995).

O hipertexto e o W3

Hipertexto - palavra criada no início dos anos 60 - descreve uma publicação em que se pode *navegar de uma tela de texto para outra sempre em ligações de contexto*. As ligações podem ser representadas por palavras em destaque, mas, também por ícones.

A World Wide Web ou WWW ou W3 ou Web, criada em 1991, consiste em um sistema de programas que visualmente facilita a navegação pela Internet através do processo hipertexto. Seu princípio é a universalidade, ou seja, uma vez que esteja disponível, a informação pode vir a ser acessada por qualquer equipamento independente do seu endereço físico. Interfaces como o Mosaic ou Netscape facilitam a vida dos internautas. O Netscape lançado em 1994 é o mais popular dos *navegadores* atualmente.

Os documentos disponíveis na Web são uma verdadeira *parafernália visual*: textos, sons, gráficos e a partir de um documento pode-se, através das prováveis ligações, caminhar para outros em tantos outros lugares físicos. Envolvidos nesta parafernália visual, podemos acreditar que temos acesso ao mundo. O meio tecnológico possibilitaria mesmo o acesso ao fato concreto, ou, antes o realizaria a sua maneira? Não estaríamos mais para objetos deste espetáculo do que para sujeitos desta (qual?) ação?

Ícones informáticos

Ícones - facilitadores na recepção da mensagem? Não é extremamente prático clicar sobre o ícone "X" em um dado equipamento e, através dele, penetrar no universo de um gerenciador de textos, de uma planilha eletrônica, de um endereço na rede, por exemplo? Uma vez "penetrado", este universo nos oferece novos ícones, que nos abrirão portas ou janelas de possibilidades, que poderão se abrir em novas portas ou janelas de modo instantâneo, cuidadosamente distribuídas em uma tela plana pós-moderna.

Porém, de facilitadores poderiam passar a "*fragmentadores*" e *bloqueadores*, pois as portas ou janelas de acesso só podem responder em medidas certas, ou seja, possibilitam o acesso às parcelas, e não ao todo. Temos acesso, através dos ícones informáticos, a reta-

lhos de um sistema que nunca parece compor um todo, ou seja, a *matéria inteira, integral está totalmente fora de nosso alcance*. O texto integral, num dos ícones da Folha de São Paulo só é de fato integral se o usuário souber a lógica combinatória das palavras do texto... do contrário nenhum texto será encontrado.

Somos, talvez, sem perceber vítimas de um controle brando, "soft", em que se delimitam nossas fronteiras, muito embora, pressupostamente, na rede-aldeia global não haja fronteiras.

Leitor *versus* leitor-consumidor

A grande rede não parece nos permitir o acesso ao fato social concreto. Ela parece mais nos informar(?) sobre o mundo refazendo-o a sua maneira, simulando-o a seu modo.

Veículo abrangente e ágil parece invocar a ausência de controle do *leitor-consumidor* sobre a publicação e informação desejada, o usuário da rede tem acesso à previsão de tempo, a obras de arte, a shoppings, a censos diversos, a sexo (por fibra óptica) etc., *invocado antes como consumidor do que como leitor* em um imenso hipermercado eletrônico.

A relação espaço-tempo é comandada pelo clique do mouse, e é, pode-se dizer, impossível definir-se o princípio ou o fim. É de uma vasta dispersão e, ao mesmo tempo, é convite a *oferta intensa de informação* (em parcelas), *sem garantias de se gerar conhecimento*. Até porque o conhecimento é uma mercadoria particular: ela não pode ser consumida como outra mercadoria qualquer. Para consumir conhecimento é necessário, contraditoriamente, já possuir algum conhecimento.

Referências Bibliográficas

- FONSECA, José Carlos Pinheiro. INTERNET em discussão. *Telebrasil*, Rio de Janeiro, v.22, n.11, p.40, maio/jun. 1996.
- OXNER, William & CHARLES, Sérgio A. **A revolução da informação**. SENAI/DN-NID, 1995. (Série A Revolução da Informação, 2, 4 e 5). Artigos publicados no *Jornal do Brasil*.
- SANTAELLA, Lúcia. O PC faz mal à saúde? **Isto é**, São Paulo, n. 1398, p.107, 17 jul. 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. O PC faz mal à saúde? **Isto é**, São Paulo, n. 1398, p.107, 17 jul. 1996.

ABSTRACT

A brief discussion on the Internet as a global information network in a post-modern, fragmentary environment. Analyses of an Information Revolution medium in a world undergoing deep political-economic changes.

Key- words: Information; Reading; Internet (Computer Network); Post-modernity; Globalization.